

O romance *Atração* e seu registro no Diário de Octávio de Faria The novel *Atração* and its entry in Octávio de Faria's Diary

Fábio Figueiredo Camargo¹

Resumo

*Este artigo analisa as anotações de Octávio de Faria em seu Diário inédito, escrito entre os anos de 1927 a 1938, no que tange à produção do romance *Atração*, livro que faz parte da grande obra do autor intitulada “Tragédia Burguesa”. *Atração* só foi publicado em 1985, após a morte do autor, em edição organizada por Afrânio Coutinho. Acredito que o romance não foi editado devido ao seu conteúdo homoerótico, o qual poderia comprometer o autor em sua vida social, fruto de seu grande medo, esboçado no mesmo Diário. Desse modo, discuto a temática do livro, apresentando como o tema é constante das anotações e como isso se reflete na produção do romance.*

Palavras-chave: *Literatura brasileira. Octávio de Faria. Homoerotismo. Crítica Genética*

Abstract

*This article analyzes Octávio de Faria's notes in his unpublished Diary, written between 1927 and 1938, regarding the production of the novel *Atração*, a book that is part of the author's great work entitled “Tragédia Burguesa”. *Atração* was only published in 1985, after the author's death, in an edition organized by Afrânio Coutinho. I believe that the novel was not published due to its homoerotic content, which could compromise the author in his social life, the result of his great fear, outlined in the same Diary. In this way, I discuss the theme of the book, presenting how the theme is constant in the notes and how this is reflected in the production of the novel.*

Keywords: *Brazilian Literature. Octávio de Faria. Homoeroticism. Genetic Criticism*

Recebido em: 20/04/2020

Aceito em: 26/12/2020

Introdução

Octávio de Faria, nascido no Rio de Janeiro em 1908, dono de uma vasta produção, tanto de ficção literária quanto crítica, além de produzir textos sobre cinema e filosofia, deixa inédito um diário, no qual anotava suas ideias para uma série de livros a serem escritos. O diário me foi cedido gentilmente por André Seffrin, que detém os direitos autorais de Octávio

¹ Professor associado na Universidade Federal de Uberlândia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4482-9836>. Projeto financiado pelo CNPQ sob o número 421380/2018-7.

de Faria. O tempo que as anotações recobrem vai de 1927 até 1938, fazendo alusão a outros volumes, aos quais não tive acesso, e, ao que tudo indica, estão perdidos.

O documento encontra-se datilografado, indicando que foi um manuscrito editado pelo próprio escritor, não se sabendo se com vistas à publicação como o fizeram seus amigos, Lúcio Cardoso e Walmir Ayala. As páginas são numeradas com variações de algarismos romanos e números arábicos divididos da seguinte forma, de 22 de janeiro até novembro de 1930, são 5 volumes; em novembro de 1930 ele inicia uma nova série de volumes, num total de 12, mas os volumes V, VI, VII, VIII e IX, que dizem respeito às anotações dos anos de 1935 a janeiro de 1937, não constam dessa organização, e até o momento não consegui precisar a data do datiloscrito.

Neste diário, o romance *Atração* é citado várias vezes como um livro em produção. O fato curioso é que este só foi publicado postumamente, em edição organizada por Afrânio Coutinho em 1985. Desse modo, pretendo apresentar a gênese de *Atração* a partir das anotações contidas no diário, juntamente com o incômodo que o livro causa no autor, ao mesmo tempo em que vai compor sua “Tragédia Burguesa”. O autor é praticamente desconhecido das gerações atuais, merecendo uma revisão, pois a “Tragédia Burguesa” tem muito a nos ensinar sobre como produzir boas tramas e personagens quanto sobre o que é a sociedade brasileira do século XX.

“Tragédia Burguesa”

A “Tragédia Burguesa” teve vários nomes como se pode perceber pelas anotações do escritor em seu diário. Na primeira página, em anotação datada de 22 de janeiro de 1927, esta vem acompanhada de um parêntese com as iniciais maiúsculas (PM), que indica serem as iniciais de seu futuro romance “Precocidades monstruosas”, que ele pensava em escrever. Chama atenção desde o título a ideia de algo errado ou fora da curva da normalidade, pois parte da análise do “monstro moral”², teorizado muito depois por Michel Foucault, para analisar as personagens jovens que fariam parte das tramas criadas pelo autor.

Em 7 de maio de 1927, Octávio de Faria pensa um programa para o “Estudo sobre o homem”, que teria 33 volumes sendo dividido em três partes: “I Psicologia geral”, e “II Psicologia aplicada”, a terceira parte seria intitulada “Moral” e traria estudos sobre vários sujeitos históricos. Em nota de 18 de novembro de 1930, Octávio de Faria apresenta mais um dos vários esquemas daquilo que ele chama “Obra”, mas que ainda não tem o título definitivo e que irá passar por uma série de modificações, inclusive de nome, pois ele também

² Monstro moral é um conceito utilizado por Michel Foucault em seu curso “Os anormais”, ministrado pelo filósofo no Collège de France em 1975 e depois transformado em livro, no qual Foucault desenvolve a ideia de que o monstro moral é um protótipo forjado a partir do monstro humano, as aberrações exibidas em feiras populares até o século XIX, do incorrigível e do masturbador. Sobre o monstro moral, Foucault afirma: “Acho que podemos dizer, para situar essa espécie de arqueologia da anomalia, que o anormal do século XIX é um descendente desses três indivíduos, que são o monstro, o incorrigível e o masturbador. O indivíduo anormal do século XIX vai ficar marcado – e muito tardiamente na prática médica, na prática judiciária, no saber como nas instituições que vão rodeá-lo – por essa espécie de monstruosidade que se tornou cada vez mais apagada e diáfana, por essa incorrigibilidade retificável e cada vez mais investida por aparelhos de retificá-la. E, enfim, ele é marcado por esse segredo comum e singular, que é a etiologia geral e universal das piores singularidades. Por conseguinte, a genealogia do indivíduo anormal nos remete a estas três figuras: o monstro, o incorrigível, o onanista.” (FOUCAULT, 2001, p. 75).

irá pensar em uma série na qual fundirá “Precocidades monstruosas” com uma outra série intitulada “Sociedade com o Leitor” (SL), pensando em nomear como “Rio de Janeiro” (RJ). Isso aparece em notas dos dias 23 de setembro de 1927 e 16 de outubro do mesmo ano; e no 4º volume do Diário, mais precisamente no dia 2 de dezembro de 1927, já aparece a notação “RJ” substituindo a notação “PM”.

O nome de “Tragédia Burguesa” (TB) vai circular também e só receberá esse título definitivo em 3 de maio de 1931, quando apresenta um esquema de 15 volumes, que conteriam os seguintes títulos: “O anjo”, “Nini”, “A queda”, “Joan”, “Atração”, “O Louco”, “Nova Joan”, “A Montanheta”, “Menina moleque”, “Diana”, “A Renúncia”, “A Barreira”, “Confiteor”, “A Palmeira”, “Sinfonia de Ivo.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 30).

Desse modo pode-se perceber a vontade do escritor em estabelecer um grande projeto que vai se agigantando com o passar do tempo, pois em nota de 5 de março de 1932, o autor escreve: “A ideia cada vez mais nítida de que a “obra” é um “organismo” que vai surgindo aos poucos, da minha própria vida.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 49). Essa relação entre vida e obra será tratada mais adiante, e no momento importa estabelecer como o título da obra maior se resolveu, podendo ser percebido em 23 de novembro de 1932, pela produção de um esquema de 5 romances: “A queda”, “Atração”, “Joan”, “Porque respeitei minha mulher” e “Nova Joan.” (FARIA, [entre 1927 – 1938]). O que se percebe é que esse desejo de fazer uma grande obra em vários volumes é oscilante, assim como o título da obra e os nomes dos romances que a compõem, bem como a quantidade de volumes que ela deve conter.

Ainda em 28 de novembro de 1932, o autor resolve colocar a “Tragédia Burguesa” dividida em 9 volumes: “a) O Anjo; b) Joan; c) A queda (ex-Atração); d) Menina Moleque; e) O Louco; f) Nova Joan; g) Lucio (ex-Miséria Moral Maior que Física); h) A Montanheta; i) A Sinfonia de Ivo.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 72). É possível perceber que em 1931 o plano era de 15 volumes, em 23 de novembro de 1932 seriam 5 romances, e cinco dias depois já seriam 10 livros a constituir a grande obra. Em todas essas notas, consta o romance “Atração” ora como “A queda” ou como “ex-Atração”.

Em 10 de fevereiro de 1934, Octávio de Faria fala da necessidade de criar movimento nos romances como um todo, para, em 23 de julho de 1938, já com *Mundos mortos* publicado em 1937, tecer mais uma vez uma organização de como se constituiria a “Tragédia Burguesa”: dessa vez seriam 17 volumes dos quais *Atração* seria o VI e “A Queda” o V, estando, portanto, desmembrados. O que se pode notar, e isso aqui é apenas um início de pesquisa sobre o título da “Tragédia burguesa”, é que assim como o nome definitivo da obra toda, a designação “Atração” passará por algumas alterações, as quais demonstro no tópico a seguir.

O título *Atração*

Octávio de Faria queria dar o título de “A malta” ou “A manada” para o romance *Atração*, isso está anotado em 8 de setembro de 1930, e não deixa de ser interessante que ele coloque um parêntese nessas notas “(A)”, o que vai passar depois a ser a representação de *Atração* por quase todos os volumes; são 6 notas ao todo, que vão da página XCVIII até a CI do 4º volume do diário. Assim, o autor escreve em 8 de setembro de 1930: “Descrevendo o romance, usei da expressão: “atração de toda a carne”. Se essa descrição não tiver outra

utilidade, terá tido a de propor um título para o romance: “Atração” que, se não for o definitivo, servirá pelo menos para designar (assim o será).” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. C). Desse modo, parece que o título havia sido estabelecido, no entanto, vai demorar para se consolidar como definitivo.

É digno de nota que nesse mesmo dia, o escritor parece ter decidido praticamente o roteiro completo da narrativa, o que pode ser visto quando se coteja a edição de 1985 com essas anotações. Quase tudo foi aproveitado com poucas exceções. O autor, naquele ano de 1930, demonstrava-se bastante animado com o romance, o que me leva a pensar que ele terminou o texto muito antes de sua publicação, deixando de publicar, seja por vergonha, seja por não ter conseguido editora, devido à temática e ao tratamento dispensado por ele ao tema. Não há até o momento, como comprovar o que realmente aconteceu, mas seguindo as pistas chego a alguma conclusão talvez ainda inconsistente, mas possível. Em 23 de outubro de 1930, o autor indica que já há páginas de *Atração* escritas e ele fará Branco, a personagem principal da “Tragédia Burguesa” aparecer como uma sombra no romance.

Já em 16 de dezembro de 1930, o autor pensa em trocar o título de “Atração” por “A queda”, mas indica que não está decidido. Em outra nota do mesmo dia, ele anota que há 200 páginas escritas de “Atração” e “havendo tanta coisa pra dizer.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 7).

Em 28 de dezembro de 1933, quase um ano sem tocar no assunto de “Atração”, ele anota:

Pensando que talvez seja mais fácil começar a “síntese” de “Tragédia Burguesa” por “Atração” (ou melhor “A queda” – mas o nome não me agrada muito mais para o que é...) Estou com o “movimento” quase todo na cabeça. Talvez seja mais fácil começar por ele – do que pelo “Anjo” que é muito difícil (e há o espaço em branco a encher) (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 161).

Note-se que o título também vai oscilando como a designação de “Tragédia Burguesa”, mas *Atração* é considerado por ele um romance mais fácil de ser escrito do que “Anjo”. A partir desse momento a alternância entre o título “Atração” e “A queda” será constante e ele não está satisfeito com nenhum dos dois títulos. Em 28 de dezembro de 1933, ele retoma a questão, anotando o nome “Atração” e logo em seguida colocando entre parênteses “(“A queda”); em 10 de janeiro de 1934, ele volta à carga: “Na fazenda. “Tomei notas durante a viagem e acabei-as aqui de um pequeno pedaço de romance que talvez possa servir para ‘Atração’ (ou ‘A Queda’).” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 169); em 15 de janeiro de 1934, ele escreve: “Depois de ter feito o resumo de ‘A Queda’, achando que o romance vai parecer muito imoral.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 174). A preocupação com a moralidade do romance é constante em todas as notas sobre o livro, o que implica na vergonha de Octávio de Faria sobre essa produção, podendo ser explicação suficiente para a não publicação do livro em vida do autor.

Em 22 de fevereiro de 1934, o autor reclama do capítulo que ele havia escrito para “Anjo”, afirmando que tudo estava de muito mau-gosto, artificial, e que ele tinha impressão diferente de outros textos, como “A queda” ou “Atração”. Nestes ele percebia erros corrigíveis o que não acontecia com sua visão de “Anjo” (FARIA, [entre 1927 – 1938]). Isso indica que, mesmo alternando os nomes do romance entre “Atração” e “A Queda”, o romance já estava melhor redigido do que “Anjo”. Em 5 de junho de 1937, ele continua

chamando “Atração” de “A Queda”; em 4 de julho de 1937, ele pensa em uma epígrafe para “A queda” retirada da Bíblia, para em 30 de outubro de 1937, considerar *Atração* como um romance de linha simples, diferente de *Os caminhos da vida*. Há que se notar que o *Jornal do Brasil*, em sua edição de 15 de outubro de 1937, anuncia o lançamento pela editora José Olympio do romance *Mundos Mortos*, romance que contém “O Anjo” como uma de suas partes.

Isso me leva a conceber que Octávio de Faria pode ter retrabalhado *Atração*, mas que, provavelmente, este já estava praticamente pronto quando do lançamento do primeiro volume de “Tragédia Burguesa”, *Mundos mortos*. Os volumes do Diário entre os anos de 1934 a 1937 que se encontram desaparecidos poderiam explicar o que possa ter ocorrido. O título “A queda” nunca chegou a ser utilizado em nenhum romance posterior, mas chegou a ser anunciado como o foi “Atração” no plano geral dos romances componentes de “A Tragédia Burguesa”, como demonstrado anteriormente. O fato difícil de ser comprovado é quando o romance ganhou seu título definitivo.

O certo é que o romance não foi considerado terminado pelo autor, pois ele sempre colocava o ano e o local de quando o livro foi acabado. Os datiloscritos aos quais tive acesso não possuem datação, o que dificulta ainda mais a pesquisa, mas a julgar pelos originais datilografados constantes da Fundação Casa de Rui Barbosa e de um outro pertencente a André Seffrin, aos quais será necessário uma consulta mais detida, inclusive para verificação da datação, a minha hipótese se comprova de que o romance estava quase todo escrito em 1937 sofrendo novas alterações em 1938.

A epígrafe

Em 17 de dezembro de 1930, Octávio de Faria escreve, citando a justificativa de Emile Zola sobre o porquê de não ter publicado o “Roman d’un inverti-né”: “d’abord on m’aurait accuse d’avoir inventé l’histoire de toutes pièces, par corruption personnelle.”³ (primeiro, eu teria sido acusado de ter inventado a história do zero, por corrupção pessoal. – tradução nossa); na nota seguinte, no mesmo dia, ele dá continuidade a outra citação de Zola, retirado do prefácio do livro, que pensa utilizar como epígrafe de um dos romances da tragédia burguesa, o que será utilizado justamente em *Atração*: “Dans le mystère de la conception, si obscur, pense-t-on à cela? Um enfant naît: pourquoi un garçon, pourquoi une fille? On l’ignore. Mais quelle comment d’incertitude, si le garçon naît à moitié fille, si la fille naît à moitié garçon”⁴ (“No mistério tão obscuro da concepção, pensamos nisso? Nasce uma criança: por que menino, por que menina? Nós não sabemos. Mas que modo incerto, se o menino nascer meio menina, se a menina nascer meio menino”); seu comentário é o seguinte:

³ Todas as citações em língua estrangeira no Diário serão mantidas e a tradução virá logo em seguida entre parênteses, devido a se manter o modo como Octávio de Faria escrevia.

⁴ O prefácio de Emile Zola é para um livro intitulado, *Tares et Poisons*. Perversion et Perversité sexuelles, do Dr. Laupt, publicado em 1896, no qual ele comenta sobre um outro livro publicado pelo mesmo autor, em 1894, *Le roman d’un inverti*. Archives d’anthropologie criminelle, 1894. Zola afirma que não quis publicar o romance de um invertido, uma série de cartas que ele havia recebido de um aristocrata homossexual italiano, e que via com bons olhos o livro ser publicado agora por um médico. Cf. ZOLA, Emile. *Vários prefácios para livros esquecidos*. Disponível em: <http://www.bmlisieux.com/archives/zola04.htm>. Acesso em: 13 abr. 2020. Ver também Michael Rosenfeld, «Genèse d’une pensée sur l’homosexualité : la préface de Zola au Roman d’un inverti », Genesis [eletrônica], 44 | 2017, <http://journals.openedition.org/genesis/1802>.

“Belo trecho, de efeito seguro – e de grande poder sintético.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 8).

Essa epígrafe será preservada na edição de 1985, por decisão de Afrânio Coutinho, o editor, provavelmente, mas não se encontra no datiloscrito encontrado na Fundação Casa de Rui Barbosa. Juntamente com a epígrafe saliento o quanto o medo de ser entendido como um corrompido moralmente, que está na citação de Zola, marca o autor em sua conturbada relação com o romance e sua temática, assim como o fato de a personagem Roberto, oscilar em sua posição de ser um homem que encare sua homossexualidade, ser um monstro moral, desviado, um menino meio menina.

O nome da personagem

Talvez a primeira aparição do que viria a ser a personagem principal do romance já rondava o escritor em uma anotação de 2 de fevereiro de 1927, quando Octávio de Faria, então com 19 anos, já bastante metucioso em suas anotações, escreve: “Um rapaz declara que não cai na farrá pela muito simples razão de que, se o fizesse, não o faria com mulheres, porque não gosta delas... Recua então diante da opinião pública.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. IV). A figura do pederasta já estava entrevista nessa nota, embora ainda muito longe de ser delineada totalmente. Dista, portanto, a anotação de dez anos antes da publicação definitiva do primeiro volume da “Tragédia Burguesa”, *Mundos mortos*, no qual Roberto Dutra aparece na segunda parte do romance como um adolescente que tem uma paixão platônica por Carlos Eduardo, apelidado de Anjo por seus colegas. *Atração* narra a saga de Roberto adulto sem saber se assume sua homossexualidade ou se se deixa vencer pela opinião pública casando-se com Silvinha, sua prima apaixonada por ele.

Mas antes de chegar à escrita do romance muitas notas serão produzidas incluindo o nome da personagem. Já em 7 de maio de 1927, Octávio de Faria pensa um programa para o “Estudo sobre o homem”, que teria 33 volumes sendo dividido em três partes, conforme informado anteriormente neste artigo. Na segunda parte consta a proposta de um capítulo intitulado “Roberto”. Portanto, percebe-se que o nome da personagem de “Atração” já vinha se fazendo nesse momento. Mas como tudo nessa produção oscila, em uma anotação de 25 de setembro de 1930, há a indicação de que o nome do herói de *Atração* seria Paulo e não Roberto. No entanto, em 23 de outubro de 1930, Octávio de Faria escreve: “c) caso – Roberto. A queda na pederastia. A paixão homossexual a que renuncia para se casar.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 3). Então, entre um mês e outro os nomes estão oscilando e o autor demonstra querer ligar o nome Roberto ao pederasta que ele quer representar já em uma situação muito próxima do que será o desenvolvimento do romance.

Outro nome também foi pensado para o protagonista, “Dinho”, mas este será depois o apelido dele, conforme se pode perceber em nota de 29 de março de 1931; o escritor pensa em Dinho, uma outra personagem, tendo um caso com uma atriz e fugindo de Silvinha.

Isso fica patente em nota de 28 de novembro de 1932:

Fazendo hoje o esquema geral dos romances (todos juntos), tive necessidade de resolver, pelo menos provisoriamente, os diversos casos que ainda estavam por se resolver, como indica a nota da pág. 281 9 (acima). Para esse fim, resolvi fazer da Silvinha, do “caso” Dinho-Silvinha,

irmã da mulher de Roberto. Nesse caso, Dinho fica um pouco solto dos outros personagens, mas não há outro meio, por enquanto. (Vão passar a lua de mel na tal fazenda vizinha da “Montanheta” – onde, mais tarde, o novo casal: Roberto-Marina irá passar a sua lua de mel). Pensando que o tal caso que “estoura” no carnaval pode se passar com Dinho e Silvinha. Fica bem, mas é bom não acumular tanto drama nos mesmos personagens. Talvez haja vantagem em criar novos, mesmo que apareçam pouco, para “enriquecer” mais. A resolver, com o tempo (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 70-71).

O fato é que tudo foi resolvido com o tempo mesmo, pois de 1927, quando demonstrado o caso de um rapaz e a oscilação de seu nome, a tentativa de criar mais de uma personagem ainda vai continuar a circular pelo diário. Nesse momento, ele pensa fazer mais personagens, Dinho e Roberto não eram a mesma personagem, inclusive Dinho seria heterossexual, mas Roberto já teria a orientação para a homossexualidade.

Já em 28 de dezembro de 1933, o escritor pensa em fundi-las:

A propósito de “Atração” (“A queda”) (v. nota anterior) pensando se não é possível fundir Dinho (o Dinho do caso Dinho-Silvinha do “Anjo”) com o Roberto de “Atração”. Daria mais consistência ao casamento de Roberto no fim do volume (Silvinha=Marina), prendendo assim mais o romance – e prendendo-o – também muito mais ao todo, à “Tragédia Burguesa”. É verdade que exigiria grande modificação no desenvolvimento do episódio Dinho-Silvinha (mais brancos no “Anjo”), tirando mesmo grande parte do interesse... A pensar com calma.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 161).

Essa nota indica o quanto a “Tragédia Burguesa” vai se fazendo aos poucos e sempre com oscilações entre as personagens e seus dramas, o que indica o quanto a obra máxima do escritor vai lhe tomando tempo e congregando muitas reviravoltas em sua produção. No caso de Roberto, a fusão com a personagem Dinho irá acontecer, como já o disse e pode ser verificado como o apelido carinhoso que Silvinha dá ao namorado/marido.

Em 26 de janeiro de 1934, Octávio de Faria anota:

A propósito das indecisões a que a nota anterior se refere, uma, que não sei se já tratei, é que a seguinte: o caso Dinho-Silvinha não lucraria em ser absorvido pela dupla Roberto-Marina. Pensando que ficaria muito bem, antes da “Queda” e da “Montanheta”, um começo da história de Roberto no “Anjo”. Para que o caso Dinho-Silvinha solto no romance? Creio que a ligação que o plano do caderno VI estabelece não é suficientemente forte para justificar a sua existência isolada. A verificar, e resolver conforme... (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 181).

Hoje, sabe-se que a escolha que ele fez foi retirar o caso Dinho-Silvinha de “O Anjo”, terceira parte de *Mundos Mortos*, e colocar Roberto adolescente, na segunda parte do romance de 1937, intitulada “A sombra de Deus”. Mas aquilo que parecia resolvido nunca está pronto, o que parece que só ocorrerá com a publicação do romance. Em 15 de fevereiro de 1934, ele continua indeciso sobre onde inserir o “caso” Dinho-Silvinha (FARIA, [entre 1927 – 1938]), mas em 2 de janeiro de 1937, Octávio de Faria faz uma cronologia dos principais acontecimentos dos primeiros volumes de “Tragédia Burguesa” para não cair em contradições e anota o ano de nascimento de Roberto como sendo o ano de 1916, e da crise

de Roberto no ano de 1933 (FARIA, [entre 1927 – 1938]). Desse modo, parece que o nome definitivo da personagem estava resolvido, pois não há mais menções à troca de nomes deste nas páginas do Diário e *Mundos mortos* seria publicado quase no fim de 1937, indicando que o nome não sofreria mais alteração.

O desejo homoerótico

Já demonstrei que a personagem principal e a temática da pederastia já frequentavam desde 1927 o imaginário do escritor. Em 8 de setembro de 1930, o autor escreve:

Um romance a escrever, cujo tema central é a pederastia (mais um). Romance que reproduza toda a miséria da dúvida sexual em torno da questão homossexual. Transpor [...] toda a experiência de rua, sentimentos confusos, olhares pegados, que tenho para o herói e construir então tudo isso em torno dos seus sentimentos homossexuais. Perigo de ser interpretado como “experiência própria” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. XCVIII).

Este trecho demonstra que mesmo diante do desejo do escritor em produzir um romance sobre a temática da pederastia, movimento constante em suas anotações, havia o medo da opinião pública sobre sua sexualidade rondando-o constantemente, o que pode ser visto em diversas notas do Diário, e que pode ser comprovado na história da epígrafe de Zola, como demonstrado anteriormente. Importante salientar que o verbo “transpor” é utilizado para indicar a experiência de rua, continuando com “que tenho para o herói”. Essa ambiguidade causada pelo verbo “ter” na primeira pessoa do singular gera o problema de que a experiência seja primeiramente do autor e não apenas do herói.

Desse modo, parece ser uma grande dificuldade para o autor o quanto as pessoas poderiam pensar que o romance era autobiográfico. No entanto, a partir do Diário fica muito clara a relação entre a vida e a grande obra do escritor. Ainda que não fossem casos vividos por ele, provavelmente há uma série de indicações de que o texto está diretamente ancorado em sua experiência.

Ainda em 8 de setembro de 1930, sobre *Atração* o autor escreve:

De qualquer modo, é útil ensaiar de fixar o que já há. O herói é um indivíduo perfeitamente normal. Essencial. Apenas sente dentro de si essa “atração por toda a carne” que caracteriza para mim o fenômeno sexual. Vai cada dia (o romance começará depois disso acontecido, provavelmente) se preocupando mais com a coisa. Torna-se a sua obsessão. Será ele um homossexual? Vê tudo sob esse prisma. Sente o desejo – que chama: desejo de “carne” – cada dia mais intenso. Começa a sentir no olhar dos que o fixam na rua um desejo, uma lubricidade que o prende, que o começa a dominar. Alguém certa vez lhe diz: – Sinto que você procura fugir de você mesmo – (talvez o romance comece aí) e ele reconhece que é isso mesmo. Sente que já está vencido, que o desejo dentro de si é já terrível e que agora só há um remédio. É fugir. É opor barreiras, quaisquer que elas sejam. Sua vida passa a ser uma assombração. (Há a ideia de fazê-lo noivo. Mas, nesse caso, haverá necessidade de um pretexto para a noiva não atrapalhar, com sua presença, o desenvolvimento da “atração” toda. Viagem? Seria bom, porque poderia

chegar justo no momento útil e necessário para desempenhar o papel que veremos adiante) (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. XCIX).

A nota é bastante grande e vou fragmentá-la para que eu possa tecer comentários e análises sobre essas posturas ou posições do escritor sobre sua obra, indicando o que lhe fica para a futura realização final. Importante notar a ideia de normalidade para o autor, pois ele reconhece que seu herói é “perfeitamente normal”, mas irá ficar obcecado por sua atração por “toda a carne”, passando a questionar se é homossexual, advindo daí sua obsessão.

É importante salientar o quanto Octávio de Faria está esboçando um perfil de monstro moral em sua personagem principal, o homossexual obcecado com sua sexualidade, o que o colocaria como um desviado da normalidade, à qual ele acreditava pertencer, assim como sua reincidência nas quedas e no que acredita serem pecados que ele cometerá. Note-se a utilização da expressão “perfeitamente normal”, para demarcar muito bem o que será o desvio posterior via obsessão.

O que fica desse ponto da nota é o quanto será aproveitado na redação final do romance, o que ocorre com o início da narrativa que começa justamente pela frase de Branco, ao dizer a Roberto que ele foge de si mesmo, o noivado com Silvinha, bem como a viagem que ele fará para a Pequetinha, fazenda da família da noiva, tentando se livrar da tentação da carne que o acomete.

A nota prossegue como se fosse um roteiro do romance, o que será aproveitado na redação final:

Um dia está andando e sente-se seguido por um marinheiro que encontrou minutos antes e que ele mesmo fixou. Entra num café para livrar-se. Café cheio. Erro seu, porque o marinheiro pede licença para sentar na sua mesa e quer começar a conversar. À primeira palavra, paga o café e, menos de dois segundos depois, está longe. Parte no dia seguinte para São Paulo, fugindo. Sente que não adianta nada. Volta. Evita os lugares onde poderia encontrar o homem. Um belo dia, ao tomar o bonde, sente que um olhar o segue e dois segundos depois o marinheiro está a seu lado. Bonde cheio. O contacto provocado e disfarçado. Não ousa dizer nada. Não desce em casa e vai ao fim da linha. Volta. O marinheiro ao lado, seguro da presa. A queda será inevitável (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. XCIX-C).

Essa nota foi completamente aproveitada no romance com seu desenvolvimento e desdobramento respectivos fazendo parte dos capítulos 2 e 3 da primeira parte de *Atração*. A partir daí a nota se desenrola informando do que o escritor tem vergonha, pois ele pretende descrever “[t]oda a miséria do sexo que se segue. Dificuldade nos detalhes. Perigo de excesso de ‘livre’ [sic]. Possibilidade de descrever o meio perdido desse lado de Sodoma.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. C).

O perigo que ronda é sempre o motivo da vergonha do escritor com relação ao medo da opinião pública sobre o texto se tratar de algo da ordem do autobiográfico, bem como de parecer imoral, sendo este medo muito próximo ao mesmo perigo que a personagem do romance pressente. A imoralidade de descrever os desejos da personagem principal em meio à maldição de Sodoma, algo terrível de se escrever e demonstrar em literatura em uma sociedade católica e conservadora.

Há, portanto, uma repressão muito grande em seu modo de pensar sobre a sexualidade e principalmente sobre a homossexualidade da personagem, mas, ainda na mesma nota, o desenvolvimento do enredo continuaria da seguinte forma:

Uma reação qualquer (faltam muitos dados) e o abandono do marinheiro. Explicar aí então a paixão por um outro indivíduo do mesmo sexo, mais fraco, que ele domine (pode tê-lo conhecido durante o estádio no meio baixo). Paixão profunda. Felicidade. A ilusão de um amor “grande”. Displacência diante da sociedade (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. C).

Na versão final que chega ao leitor em 1985, Roberto é quem foge do marinheiro e não é abandonado por ele, mas antes de se apaixonar por alguém que ele possa dominar, ele terá outros parceiros sexuais, para depois se apaixonar por Nininho Braga. O autor imaginou ainda outra peripécia para a personagem, a qual não foi incluída no romance, que diz respeito à ida de Roberto a um prostíbulo “para se livrar” do seu desejo por homens.

No entanto, Octávio de Faria irá insistir em produzir no romance a paixão de Roberto por Nininho. Assim ele anota sobre o caso na mesma nota:

[A personagem] Não se importa com o que os outros digam. Quer viver o seu “amor”, seja ele normal ou não, legal ou ilegal. E dá-se a crise, os seus amigos querendo a todo custo salvá-lo, evitar-lhe a vergonha pública, etc. Longo conflito, que acabará com a “volta à normalidade”, à “vida burguesa honrada” de “futuro chefe de família”, do herói que abandona o seu amor, tudo, pela ordem social que não deve ser perturbada. Deixar bem sensível que, no meio de tudo isso, ele é um verdadeiro vencido. Quem se casa (o capítulo final será isso) é um “morto”, para quem o amor não terá mais significação alguma. Acabar talvez com essa ideia de que, quando ele realiza com a mulher o ato sexual, é em outra pessoa que está pensando, com quem não precisava daquele ato brutal. Mas que vagamente sentira no prazer que tivera toda a força que o iria dominar, chamando-o à normalidade. Todo o prazer que haveria de vir (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. C).

Note-se que o desejo do escritor é de crítica ao modo de a sociedade burguesa organizar-se, forçando os sujeitos homossexuais a adaptarem-se de acordo com a heterossexualidade compulsória, conforme irá teorizar muito tempo depois Adrienne Rich⁵. O romance desenvolverá a paixão entre Nininho e Roberto, apresentando o ponto de vista das duas personagens para que o leitor se sinta em conexão com estas e veja a possibilidade senão de um amor “verdadeiro” um amor possível dentro do conteúdo maldito a que estão condenados todos os sujeitos que são como elas.

Dentro da visão de Octávio de Faria e da cultura à qual ele pertence o raciocínio procede, eivado do discurso religioso e moralizador tanto da medicina quanto das famílias com as quais convive e faz questão de representar. Portanto, se não há uma relação bem vista por Octávio de Faria, há o desejo de culpabilizar a própria sociedade, responsável pela existência de sujeitos como Roberto e Nininho.

As notas, todas escritas no dia 8 de setembro de 1930, vão se suceder, tratando de uma possível epígrafe que não será aproveitada, por exemplo, e reiterando o medo constante do autor nesse momento de criação:

⁵ Adrienne Rich reflete sobre a ideia de “heterossexualidade compulsória”, afirmando que a sociedade produz um sistema de normas que define a heterossexualidade como aquilo que é “normal”, excluindo desse sistema todos aqueles que não se enquadram nas normas previstas (RICH, 2012).

Para “Atração” ser o que pretendo, tenho um sem número de detalhes “pessoais”. Ora, tratando do que trata, vai ser um horror depois para evitar que se pense que “tudo” é experiência própria. Lembrar o caso de Dostoiévsky que pôs muito do seu, das suas observações, nos seus heróis assassinos e anarquistas. Dir-se-ia que ele como que viveu as aventuras dos seus heróis. Para poder descrevê-los, meteu-se na pele deles e animou-os com a sua força. Donde a verdade deles. Criou assassinos formidáveis porque dostoiévskyanos [...] Teve a coragem de “viver” como um assassino para poder criar um grande assassino (Raskolnikoff). É isso que eu tenho que me decidir a fazer se quiser arrancar de “Atração” qualquer coisa que preste. O caso tem que ser vivido, por mais que pese – e por maior que seja depois o perigo. Será um dos sacrifícios do autor pela obra (FARIA, [entre 1927 – 1938], CII – grifos do autor).

O que o assombra em toda a sua produção é a pessoalidade das informações que ele terá que colocar em seus escritos e o quanto isso é perigoso para sua imagem pública. Mas a insistência e a comparação com Dostoiévsky é importante para que se tenha a noção de que o escritor pensava que o livro para ficar bom teria que ter algo da vivência, o que gerava nele a contradição entre expor sua vida pública ou as suas experiências e filtrá-las para incorporar às suas personagens. Se ele viveu essas experiências ou não é algo que não há como comprovar, mas é certo que havia uma predisposição a experimentar a vida homossexual.

O autor passa a escrever sobre detalhes que deverão conter no romance sobre como a personagem principal gosta de olhar outros homens e do contato de barbeiros, garçons e cobradores de bondes, o que, a crer no que ele escreve no Diário não seria algo a ser experimentado, mas já vivido, e agora o colocava no dilema de escrever sobre essa temática incômoda, mas necessária a ele. Segundo Octávio de Faria, o mero contato da personagem com a carne dos outros, homens e mulheres, aumenta seu desejo erótico, o que ele denomina como: “Toda a miséria da carne, sempre pronta.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. CIII).

Como se pode perceber no trecho citado a seguir:

Estudar a existência de toda uma “série” (malta, manada, se se quiser) de indivíduos que atraíam a simpatia do herói de “Atração”. O garçom do café, o cabelereiro, um garçom de restaurante, um cabineiro de ascensor. De um modo menos particular, sentia que vibrava diante de todo indivíduo fardado bem afeiçoado, sobretudo marinheiro – e mecânicos de macacão desabotoado. Sentia a atração especialmente pelos corpos de homens nus, admiração e desejo. Período de sua vida em que ia assistir os banhos de mar, sobretudo no cais da Lapa, onde os homens costumavam tomar banho só de calção. Fizera-se sócio de um clube de regatas, por causa da liberdade que havia entre os rapazes que se despiam uns nas vistas dos outros – mas não sentia especial atração diante dos corpos nus. Período de sua vida em que vivia à procura dessa emoção provocada pelos peitos nus de homens fortes, sobretudo se não fossem peludos. Desejos vários, sobretudo de morder. Desejo geral, mais de posse do que de ser possuído, essencialmente sem a idéia de um coito anal (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. CIII-CIV).

Se essa nota, também do dia 8 de setembro de 1930, nos lembra do título do romance, pensado primeiramente, o restante dela diz respeito ao desejo da personagem por tipos de homens ligados às profissões conectadas a uma classe social diferente da dele, assim como o

desejo por corpos com peitorais sobressalentes, o que vai ao encontro da chamada masculinidade viril que atrai os olhares dos homossexuais.

No primeiro capítulo do romance o narrador coloca o leitor a par de todos os interesses de Roberto por outros homens, bem como informando as situações sobre um jornalista, um atendente de café, um barbeiro, um trocador de bonde assim como outros, como a confirmar o que dizia a nota supracitada. A ideia é primeiramente fazer a personagem nutrir paixões e desejos platônicos pelos homens, mas depois isso se transformará na queda fatal, que o faz chegar às vias de fato.

Desse modo ele irá continuar a colocar notas com relação a sua obra, sempre temeroso, se preocupando com o que advirá como consequência de sua escolha, como demonstra a nota do dia 10 de setembro de 1930:

Procurar no “ciclo” (Chamemos, para necessidades de classificação e índice, em “Precocidades Monstruosas” traduzir essa impressão que eu tenho (ou tive hoje, assistindo a “Une vie secrète” de Lenormand) de que a “minha obra” é um perigo para mim, de que ela me vencerá, me arrastará com ela no seu extraordinário de paixões e de pecados. Minha vida definida pela oposição entre a necessidade exterior (e de certo modo interior) de produzir a obra e o perigo interior que decorreria (a psicanálise diria que é o conflito futuro do ego e do Super ego com o id) (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. CVI).

Se o conflito que ele levanta ocorre, isso não faz com que ele barre o desejo de escrever e produzir sua obra, pensando em ordenar esse “extraordinário de paixões e pecados” para fazê-lo apresentar-se ao público de forma a que este se interesse pelos textos. Seu reconhecimento da visão de Freud sobre o “id” e o “superego” vem de sua capacidade de ler vorazmente uma diversidade de textos e fazer muitas anotações sobre esses textos para produzir seus romances.

No entanto, ele reconhece que a obra é perigosa para ele mesmo, o que o envergonha e ao mesmo tempo o enche de orgulho, como ele continua na mesma nota:

Sinto que se eu conseguir realmente fazer aflorar sob a forma de romances esse mar interior, confuso mas já turbilhonante, que sinto dentro de mim, será uma catástrofe, um transbordamento a que minha fraqueza de vontade não poderá provavelmente se opor. Eu sinto dentro desse meu eu super-moral uma formidável carga de mal, de pecado, de carne que grita, que não sei se será humano (para mim) libertar... Na caminhada que levará de Branco a Preto que vai ser de mim, eu me pergunto, apavorado com que se de dentro de mim essa transformação de um Branco que eu já sou mais ou menos num Preto que é meu pavor vir a ser ainda. Não é preciso “criar forças” antes disso? E como? Solução católica? Será bastante? (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. CVI).

O medo está na monstruosidade que o habita e que pode gerar futuros problemas nele e em sua imagem pública, de filho de família exemplar, que ele espelha em Branco, futura personagem principal da “Tragédia Burguesa” para o seu oposto, Preto, que posteriormente se chamará Pedro Borges. A pergunta se a saída seria o catolicismo parece não resolver seu problema, pois ele vai escrever assim mesmo os romances e, com exceção de *Atração e A Montanheta*, publicará todos em vida.

O fato é que a situação temática e o desenvolvimento desta estão muito claros nos dois romances, embora *Atração*, neste sentido, talvez seja o seu romance mais perigoso, pois a pederastia que ele tanto teme está estampada explicitamente nas descrições de objetos de desejo da personagem principal, assim como nas relações sexuais que ele tem com seus parceiros quando resolve se entregar à “miséria da carne”.

O pavor que ele tem de que o “mar interior” turbilhonante transborde em seus textos é constante, e ele escreve em 25 de setembro de 1930:

A “obra” será (e pode deixar de ser, quando já, só para escrever “Atração”, estou encontrando tanta dificuldade) será pois a minha “obra atroz”. E a isso, Sr. Branco, sacrifica-se uma vida? Evidentemente. Não só sem hesitar. Mas, com o desejo de que seja realmente o sacrifício de toda uma vida e com o imenso temor que não seja, que seja apenas “ideia”. (Ainda uma impressão a guardar: que eu estou me transformando de tal modo, que toda a miséria sexual me possui. Não cedo. Trago para dentro de mim. Se a psicanálise estiver certa, que imenso conflito será a minha psique, daqui a alguns anos?... Mesmo sem, aliás).* Trazendo para dentro de mim, vou acumulando, vou ficando mais sensível. Sensação de que qualquer miséria sexual que acontece (se ainda não me toca) vai acabar me tocando. Vibrarei a todos os golpes. Será uma hiper-sensibilidade terrível. Mas só dela a “obra” poderá sair... como eu queria que saísse (e não como já tem saído nos diversos romances). *Mesmo sem a psicanálise estar certa. (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. CVII-CVIII).

A ideia que impera é que vale o sacrifício para a produção da obra, assim como diversos romances estão em processo de escrita, embora seja *Atração*, segundo ele, o que lhe dá mais trabalho. Seus conhecimentos de psicanálise implicam que ele está utilizando a obra para sublimar seus desejos não resolvidos na realidade. Desse modo, ele pensa que será tocado pela “miséria da carne” em algum momento e que não se furtará a cair na tentação, pois a obra não será o bastante para resolver os problemas da vida. Desse modo, a ver por essas notas, pode-se inferir que foi por medo e vergonha de se apresentar aos outros, de ser lido como homossexual, que ele não tenha publicado *Atração* e *A Montanheta* em vida, embora ele os escreva, sacrificando a vida até um certo ponto.

Por medo e vergonha ele se preocupa em produzir um romance nos limites da decência, pois em nota de 5 de março de 1932, ele escreve: “Donde a dificuldade de escrever esses diálogos, sem ultrapassar certos limites de decência e sobretudo de bom gosto. A evitar, sobretudo, os inúmeros perigos de parecer livro sobre questões sexuais ou coisa parecida.” (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 49). Para ele é imprescindível que o romance seja estético, com um nível de realismo de acordo com o que pode ser mostrado, o que pode ser tomado como a vergonha que move o autor, naquela literatura que nunca diz inteiramente o que deve ser dito ou o que se quer dizer.

Embora em *Atração*, se comparado a *Mundos mortos*, haja a explicitação de uma série de questões que poderiam ferir a moral e os bons costumes de seu tempo, a maior parte dos textos de Octávio de Faria lidam com essa dificuldade e medo de falar do homoerotismo. Nada sobre a questão da homossexualidade é dito diretamente ou explicitado, mais uma vez a comparação é inevitável, pois em *Mundos mortos* tudo é muito eufemístico, delicado, sutil, e em *Atração* há uma explicitação maior, que retorna ao interdito em *A Montanheta*. Como “A Queda” não chegou ao prelo e nem há datiloscrito não há como sabermos o que seria o seu livro imoral.

Para o desenvolvimento de *Atração*, ele insiste em colocar Roberto apaixonado por outro homem, e em nota de 22 de abril de 1932, escreve:

Estudando as possibilidades de uma situação de “Atração” – na 2ª parte do romance. É aí que se coloca a situação em questão: o prazer imenso que Roberto tem com os encontros que ninguém percebe e que ele tem com X. O prazer de ter com X as relações oficiais e as outras. Roberto faz questão de se encontrar com X de manhã. O prazer de sair para a rua para isso, quando todo mundo está saindo para outros fins. Cruza pessoas desconhecidas que vê que vão para o trabalho, cruza amigos que perguntam onde ele vai – etc. – e o prazer de mentir, etc. Todo o prazer do momento em que sai desse mundo e entra enfim de repente no outro – o proibido, com tudo o que esse lhe reserva. Aí é realmente outro mundo. Roberto sabe o tamanho ilimitado da paixão que tem por X. Sabe que há reciprocidade. E, para ele, sua paixão é tão pura quanto uma paixão pode ser pura. São as manhãs mais felizes de sua vida. São tão felizes – no acordo perfeito que existe entre ele e X – que Roberto pensa que, depois de tanto sofrimento (v. a 1ª parte do romance, já esboçada), só pode ser compensação mandada por Deus... Está recuperando a felicidade que não pode ter antes. E os dias passam, ritmados apenas por aquelas manhãs. Nada mais existe – senão os encontros “sociais” que tem com X. Roberto vai assim se habituando à felicidade – e sabemos como vai ser ainda tocado pela infelicidade – esse casamento com que “Atração” acaba (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 51-52).

Essa situação será plenamente desenvolvida no romance, que já em 1932 se encontra com sua primeira parte esboçada. Todo esse material será utilizado para descrever a relação de Roberto com Nininho Braga, e o seu amor clandestino, mas que o narrador vai descrever ao leitor com todos os cuidados, demonstrando como eles burlam os amigos, como têm seus encontros isolados de todos e com muita discrição, e isso será interrompido com a ação do pai e dos amigos de Roberto.

Em 22 de abril de 1932, ele continua:

Pensando como vai ser difícil ajustar essa ideia de casamento (v. nota anterior) com a felicidade toda descrita há pouco. Porque a antiga ideia do casamento vinha como a solução que os amigos arranjavam para arrancar Roberto aos seus “maus hábitos” (que eram o marinheiro, etc., e não X) depois que tinham mais ou menos falhado todos os demais recursos: Joan, etc. A felicidade da nota anterior condiciona-se mais ou menos – senão a uma “aceitação” geral, pelo menos a um “desconhecimento” total do caso. Como conciliar, um e outro caso? Creio que a única solução possível é fazer com que se descubra o caso depois de alguns longos meses... e então os amigos, para arrancar Roberto a essa ligação, lançam mão do casamento que já estaria marcado, etc... Todas as possibilidades a estudar. O caso exige estudo – e tempo – para que apareça outra solução. (Talvez com a simples marcha do romance, ao ser escrito, surja o que se deseja. A ver) (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 52).

Toda essa situação será aproveitada inteiramente na terceira parte do romance e os acontecimentos se sucederão completamente na ordem das notas do diário. Os amigos e o pai de Roberto vão interferir em sua vida a ponto de ele aceitar se casar com a namorada, Silvinha, o que indica que o plano para o romance estava praticamente todo delineado já nesse ano, embora os nomes das personagens ainda não estivessem acertados e ele utilize a profissão “marinheiro” ou “X”, para se referir aos amores clandestinos de Roberto.

Em 25 de dezembro de 1932, Octávio de Faria escreve:

Querendo modificar inteiramente a parte já escrita de “Atração”. Não só para introduzir a modificação da nota da pág. 4/77, como para mudar o tom, diminuir o “realismo” de certas cenas, etc., etc. – Além disso, quero introduzir um capítulo novo de que tive ideia hoje. Roberto afasta-se dos amigos pelas causas que conhecemos, etc. Eles o procuram insistentemente – Roberto foge, disfarça. Mas cada vez se sente mais perdido. Fica-se nisso algumas páginas. E eis que, no capítulo seguinte, encontramos Roberto no meio dos amigos. Depois do espanto, dos comentários sobre a volta, tudo segue como de costume. É como se Roberto nunca se tivesse afastado. É o mais animado de todos. Vai a todos os lugares, grita com todos os que gritam. Não quer perder festa nenhuma – conhecer todos os cabarets que ainda não conhece. Fica sempre com o último que fica na rua. Ouve-se Roberto dizer que, na véspera, depois de entrar em casa, ainda saiu para ir a uma casa de pensão ou a casa de uma conhecida qualquer. Mas não faz farra de mulher com nenhum dos amigos. Ninguém percebe, porém, tal é a animação de Roberto. No capítulo, não haverá nenhum comentário sobre a mudança de atitude de Roberto. Mas terá que deixar perceber o que é que houve: Roberto, temendo a queda e não se sentindo mais em segurança sozinho, procura se lançar naquela voragem de divertimentos para se enganar e enganar os outros. Atira-se impetuosamente. Vive os primeiros dias sem pensar em nada, porque não tem tempo para isso. Mas logo tudo vai afrouxando, diminuindo. E com o tempo (o romance terá que mostrar isso com muito jeito) voltam a dominá-lo as mesmas ideias, etc. Um belo dia desaparece do grupo – e dessa vez irá até a “queda”, sem voltar ao grupo. Acho que o capítulo terá que acabar com esse afastamento. O capítulo seguinte então poderá começar com os comentários sobre a atitude de Roberto, sobre a verdadeira significação do que fez. Daí seguir-se-á naturalmente o desenvolvimento do romance – já conhecido nas suas linhas gerais (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 79).

Esse esquema todo foi aproveitado no capítulo 4 da primeira parte do romance, e, em poucas páginas, o narrador descreve como Roberto tenta voltar ao convívio dos amigos temendo se perder, e o quanto a sua luta é constante em uma sociedade que está cotidianamente vigilante para com os seus indivíduos, querendo que eles se comportem dentro dos padrões considerados adequados da heterossexualidade compulsória. Os amigos de Roberto, como André e Jorge, estão vigilantes e se perguntam muitas vezes sobre Roberto e seus trejeitos ou sobre o porquê de Roberto sumir muitas vezes. Ao fim do capítulo, Roberto cede finalmente aos desejos do fuzileiro Antônio José, e começa sua possível descida aos infernos, o que será desenvolvido na segunda parte, a partir da epígrafe de Dante: “Caí e minha carne ficou solitária.” (FARIA, 1985, p. 37).

Percebe-se o quanto o romance está adiantado em 1932, pelo fato de que o autor demonstra nessas notas que tem muita coisa pronta, inclusive tendendo a fazer alterações no texto e nas situações que cercam o seu herói, principalmente pretendendo rever cenas que estão muito realistas, o que provavelmente está relacionado a reduzir o modo de explicitação do desejo e dos afetos de Roberto para com outros homens. Depois de muito tempo sem escrever no *Diário* sobre *Atração*, em 10 de janeiro de 1934, ele volta à carga, apresentando duas páginas com a escrita do romance em que Roberto entra em uma igreja e tenta se conciliar com sua fé, mas isso não será aproveitado.

Em 15 de janeiro de 1934, ele escreve:

Depois de ter feito o resumo de “A Queda”, achando que o romance vai parecer muito imoral. Pois o “elogio” do amor que salva Roberto da vida que leva aparecerá a muitos como sendo uma simples apologia do amor homossexual platônico... A dificuldade aumenta porque o romance não pode explicar o pensamento todo da colocação. Posso sem a menor dúvida dizer que nada justifica a condenação “burguesa”, etc. – que, dentro do “sexo”, qualquer condenação que não seja total é arbitrária, etc., etc. Mas tudo isso soa mal – e parece que pretendo ser uma “defesa” da pederastia, sem coragem para se declarar abertamente tal. Difícil, portanto, exprimir exatamente o que eu quero dizer: isto é que, solto com a sua própria natureza, o homem não tem remédio senão ser o que essa natureza é. E que, dentro dessa vida miserável, é possível que o amor realize os mesmos milagres de reerguimento e mesmo de “pureza” que na vida sexual normal. Isso não implicando na identificação das duas misérias sexuais: há todo o problema da “Carne morta”. Mas isso é uma questão de “destino”, diante da qual não cabe “condenação” e sim sofrimento por essa miséria complementar. Tudo isso muito difícil de exprimir em romance. A tentar, de qualquer modo (FARIA, [entre 1927 – 1938], p. 174).

Essa preocupação de 1934 parece ter sido levada adiante e o romance aqui chamado de “A Queda” parece ter se tornado algo com o qual o autor não quis lidar, ou por ter achado difícil terminar seu desenvolvimento e não o ter acabado, ou, a minha hipótese maior de que ele o terminou, mas achou que este havia ficado muito imoral e não seria bom publicar. O fato é que *Atração* teve uma continuação, *A montanheta*, que terminou também por não ser publicado em vida. Em 7 de abril de 1938 ele fala de duas notas tomadas, uma delas para *Atração*: “Toda a revolta de Branco, quando sente (I parte de ‘Atração’) a indignação dos amigos de Roberto, às suas tentativas para ‘normalizá-lo’ (paralelo secreto com a ‘iniciação’ fracassada de Carlos Eduardo na III parte de ‘Mundos Mortos’)”. (FARIA, [entre 1927 – 1938], s/p). Assim terminam no Diário as anotações sobre *Atração*, o que poderia ser esclarecido completamente se houvesse acesso aos volumes restantes do Diário, o que é da ordem do impossível nesse momento.

O medo de o romance ser considerado uma apologia à pederastia parece ter dominado o autor a ponto de não publicar o texto, embora ele entendesse aquilo, que chamava por força de sua educação, de miséria humana, e a dificuldade de colocar isso em palavras, em transformar esse material em romance. No entanto, é digno de nota que *Atração* merece ser lido pela qualidade de sua prosa e com a certeza de que o autor conseguiu transformar a sua miséria moral em boa literatura, que, infelizmente, ainda continua quase inédita entre os leitores brasileiros, merecendo futuras edições e novos apreciadores.

Agradecimentos

Agradeço a André Seffrin, pela cessão dos documentos de Octávio de Faria, que possibilitaram essa pesquisa, bem como à Fundação Casa de Rui Barbosa e seus funcionários responsáveis pelo Acervo de Literatura Brasileira.

Referências

FARIA, Octávio de. **[Notas a aproveitar]**. [S.l.], [entre 1927 – 1938]. Diário pessoal.

FARIA, Octávio de. **Mundos mortos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

FARIA, Octávio de. *Atração*. In: **Tragédia Burguesa**: obra completa. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: INL, v. 4, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. Seção Livros da Semana. n. 00242, 15 de outubro de 1937, p. 14. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_05&pasta=ano%20193&pesq=Oct%C3%A1vio%20de%20faria. Acesso em: 04 fev. 2020.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas** - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: em 10 abr. 2020.

ROSENFELD, Michael. Genèse d'une pensée sur l'homosexualité : la préface de Zola au *Roman d'un inverti*. **Genesis** [En ligne], n. 44 | 2017. p. 213-217. Disponível em:
<http://journals.openedition.org/genesis/1802>. Acesso: em 10 abr. 2020.